

## “A chegada era uma festa”:

Festejos e sociabilidades na vila de Amarração no litoral do Piauí nas décadas finais do século XIX e iniciais do século XX

*Marcus Pierre de Carvalho Baptista<sup>1</sup>*  
*Francisco de Assis de Sousa Nascimento<sup>2</sup>*

**Resumo:** O objetivo deste artigo foi analisar o surgimento de novas sociabilidades e festividades distintas na vila de Amarração no litoral do Piauí em fins do século XIX e nas décadas iniciais do século XX considerando a modernização deste espaço no recorte espaço-temporal citado. Como metodologia empregou-se pesquisa bibliográfica para compreensão da conjuntura local e dos conceitos de modernidade, sociabilidades e festa utilizados para operacionalizar as fontes e pesquisa documental, utilizando-se como fontes jornais piauienses e livros de memória produzidos nesta época ou que tratam sobre este recorte temporal. Deste modo, ao refletirmos sobre a vila de Amarração, a modificação deste espaço em função da presença de embarcações a vapor e da ferrovia, isto é, a inserção do moderno nesta localidade, possibilitou o aparecimento de diferentes tipos de festividades, bem como a transformação das sociabilidades que ali existiram, marcando o cotidiano e as sensibilidades das pessoas que viviam no litoral piauiense.

**Palavras-chave:** Amarração; Sociabilidades; Modernidade.

**Abstract:** The aim of this article was to analyze the emergence of new sociabilities and distinct festivities in the town of Amarrão on the coast of Piauí at the end of the 19th century and in the initial decades of the 20th century, considering the modernization of this space in the space-time frame mentioned. As a methodology, bibliographic research was used to understand the local situation and the concepts of modernity, sociabilities and party used to operationalize the sources and documentary research, using as sources Piauí newspapers and memory books produced at this time or dealing with this clipping temporal. Thus, when we reflect on the town of Amarrão, the modification of this space due to the presence of steam boats and the railway, that is, the insertion of the modern in this location, enabled the appearance of different types of festivities, as well as the transformation of the sociability that existed there, marking the daily life and the sensibilities of the people who lived on Piauí's coast.

**Keywords:** Amarração; Sociabilities; Modernity.

---

<sup>1</sup> Doutor em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Mestre em História do Brasil pela UFPI. Graduado em Licenciatura Plena em História pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). E-mail: marcus\_pierre@hotmail.com.

<sup>2</sup> Professor Associado III no Curso de Licenciatura Plena em História na UFPI. Doutor em História pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Mestre em História do Brasil pela UFPI. Graduado em Licenciatura Plena em História pela UESPI. E-mail: franciscoufpi@gmail.com

## **“The arrival was a party”: Celebrations and sociabilities in the village of Amarração on Piauí’s coast in the final decades of the 19th century and early 20th century**

### **Considerações Iniciais**

Em julho de 1911, em uma pequena nota no jornal “Semana”<sup>3</sup>, foi publicado uma notícia sobre a chegada dos políticos Coronel Jonas de Moraes Correia<sup>4</sup> e seu irmão Dr. Luiz de Moraes Correia<sup>5</sup> na vila de Amarração no litoral do Piauí. A chegada dos políticos locais tornava-se motivo de festa<sup>6</sup> para os sujeitos que viviam na localidade, especialmente para aqueles que compunham o círculo social e político dos irmãos, tendo sido registrado no jornal parnaibano como, supostamente, se sucedeu a calorosa recepção aos indivíduos em questão.

A vila de Amarração<sup>7</sup>, que naquele contexto possuía um atracadouro que recebia mensalmente dezenas de embarcações, tanto de outros estados brasileiros como também de países, traduzia-se neste momento enquanto o espaço percebido por parte das elites piauienses

---

<sup>3</sup> Segundo Baptista (2023), tratava-se de um jornal de Parnaíba (PI) de tiragem semanal tratando sobre temas diversos, dentre eles o movimento marítimo da barra de Amarração, questões relacionadas a construção do porto de Amarração, tanto no sentido de criticar a possibilidade do empreendimento como de apoiar-lo variando sempre dependendo de quem escrevia o artigo ali presente, avisos sobre aspectos do cotidiano como a chegada à região de figuras locais “relevantes”, alertas de nascimentos, batizados, casamentos e óbitos, anúncios de compra e venda, dentre outros. Para este artigo trabalhamos com edições dos anos de 1910 e 1911 que tratassem sobre festividades e sociabilidades no litoral piauiense. Foi publicado entre os anos de 1910 e 1912 (PINHEIRO FILHO, 1997).

<sup>4</sup> Político, jornalista e comerciante natural de Parnaíba (1874). Foi conselheiro municipal na mesma cidade, deputado estadual em várias oportunidades, presidente da assembleia legislativa estadual entre 1912 e 1916. Quanto a sua atuação na imprensa, assim como seu irmão, defendeu de forma significativa a economia de Parnaíba, além da construção do porto de Amarração. Faleceu também em Parnaíba no ano de 1915 (GONÇALVES, 1997).

<sup>5</sup> Foi professor, bacharel em Direito e jornalista, tendo nascido em Amarração (PI) no ano de 1881 e falecido no ano de 1934 em Fortaleza (CE). Teve uma atuação significativa no âmbito jurídico e político no Piauí e Ceará, tendo sido ainda promotor público em Parnaíba, chefe de polícia do Piauí, Secretaria de Finanças do Ceará, juiz federal, além professor catedrático da Faculdade de Direito do Ceará. Além disso, publicou diversos artigos na imprensa sobre temas como jurisprudência, filosofia, sociologia, literatura, comércio, questões sociais e do cotidiano, bem como em defesa da construção do porto de Amarração. Foi ainda membro da Academia Piauiense de Letras e do Instituto de Ciências e Letras de Pernambuco (GONÇALVES, 1997).

<sup>6</sup> Compreendemos a festa enquanto um momento no qual os sujeitos participantes permitem-se a uma fuga momentânea de um “real” ocupado por estes indivíduos e adentram um espaço de utopias, ultrapassando qualquer tentativa de capturar esta festividade a um fato ou acontecimento e entendendo que esta encontra-se além de uma suposta limitação que a sociedade busque impor. “É a festa que, libertando de todo utilitarismo, de toda finalidade prática, fornece o meio de entrar temporariamente num universo utópico” (BAKHTIN, 1987, p. 241).

<sup>7</sup> De acordo com Pontes (2010), o povoado de Amarração no litoral piauiense tem origem a partir da ocupação de pescadores nesta região. Sua anexação, no entanto, à província do Ceará relaciona-se a atuação de padres que, oriundos da freguesia de Granja (CE), passaram a atuar na localidade. Assim, no decorrer do século XIX o governo do Ceará incorporou o povoado de Amarração, elevando-o a categoria de Distrito nos anos 1860 e a vila nos anos 1870. Durante o contexto em que Amarração pertenceu ao Ceará ocorreram vários episódios de conflitos em decorrência do atracadouro, bem como litigiosos com o Ceará, a exemplo de badernas, supostamente, provocadas por marinheiros em Amarração (CE) e Parnaíba (PI), celeumas em torno da nomeação dos práticos da barra e até mesmo questões eleitorais (BAPTISTA; NASCIMENTO, 2022).

que permitiria o “progresso” e desenvolvimento do Piauí (VIEIRA, 2010; REGO, 2010; BAPTISTA, 2023).

Para tanto três questões se apresentavam como essenciais a partir da segunda metade do século XIX: a construção de um porto marítimo em Amarração; o melhoramento das vias fluviais, especialmente o rio Parnaíba, maior rio perene piauiense; a construção da malha ferroviária até o litoral. Ou seja, acreditava-se que com a concretização destes três elementos seria possível escoar a produção piauiense e, deste modo, possibilitar o desenvolvimento da província e, posteriormente, esta perspectiva permanece após a Proclamação da República (QUEIROZ, 2006; REGO, 2010).

Isto posto, a retomada de Amarração do Ceará por meio do Decreto 3.012 de 22 de outubro de 1880 para o Piauí, entregando Príncipe Imperial (Crateús) e Independência no vale do Crateús na Serra da Ibiapaba para a província cearense, torna-se parte desta estratégia de desenvolvimento articulada por setores políticos locais (BAPTISTA, 2023).

Assim, a pequena vila de Amarração a partir da segunda metade do século XIX e no início do século XX à medida que seu espaço se modernizava<sup>8</sup>, especialmente após a reincorporação ao território piauiense, passava a ter sua paisagem marcada de modo mais frequente por aparatos modernos, a exemplo de embarcações a vapor desde o período oitocentista e do trem nas décadas iniciais dos novecentos (BAPTISTA, 2023).

E, com estes aparatos, conseqüentemente com a modernidade, novas sociabilidades são construídas pelos sujeitos, tipos distintos de festejos e festas são experimentados e novas formas de consumir e produzir o espaço passavam a compor o cotidiano dos habitantes da vila nesta conjuntura.

Desta forma, o objetivo deste artigo foi discutir sobre essas novas sociabilidades que surgem em Amarração no final do século XIX e início do século XX a partir da inserção neste espaço de aparatos modernos, como a máquina a vapor. Para isto utilizamos como

---

<sup>8</sup> O contexto do final do século XIX e início do XX no ocidente marca um momento de transformações significativas em função dos novos aparatos modernos que passam a estar presentes no cotidiano das pessoas, especialmente nas grandes cidades. Trata-se de um período marcado por uma dicotomia problemática, em que ao mesmo tempo produziu-se um olhar positivo sobre a possibilidade de um futuro que se descortinava em função da presença cotidiana dos novos aparatos modernos, mas, estes mesmos “[...] recursos técnicos, por suas características mesmo, desorientam, intimidam, perturbam, confundem, distorcem, alucinam” (SEVCENKO, 1998, p. 516). Refere-se, então, a uma conjuntura assinalada pela modernização de diversos espaços, especialmente as cidades, isto é, por um processo que promove diversas modificações sociais, como o surgimento de novos meios de comunicação e transportes, denotando a experiência da modernidade, uma experiência sublinhada por contradições (BERMAN, 1986), provocando “[...] com as suas invenções, [...] realmente espanto e deslumbramento, medos e desejos, e a cidade é o espaço onde ganha maior dimensão [...]” (REZENDE, 1997, p. 30). Neste sentido, a cidade torna-se o espaço privilegiado desta modernidade, isto é, a localidade na qual incide-se o processo de modernização fomentando a modernidade e, assim, a cidade transforma-se em um “[...] agente da modernidade” (REZENDE, 1997, p. 25).

metodologia a pesquisa bibliográfica dialogando com autores como Queiroz (2006), Rego (2010), Vieira (2010) e Baptista (2023) para compreensão do recorte espaço-temporal citado.

Além disso, trabalhamos com Berman (1986), Rezende (1997) e Sevckenko (1998) no tocante aos conceitos de modernidade e modernização, bem como Baechler (1995) e Bakhtin (1987) no que se refere a conceituação de sociabilidade e festas e, deste modo, a operacionalização das fontes elencadas a partir destes autores.

Empregamos ainda a pesquisa documental, especialmente a hemerográfica, analisando edições dos jornais “A Época” dos anos 1880, “Nortista”, “Semana” e “A Imprensa” dos anos 1900 a 1920, bem como livros de memória, no caso em questão, Campos (2009) e Rodrigues (1988), que tratam, dentre outras coisas, sobre a primeira metade do século XX em Amarração e que trazem registros acerca destas festividades e sociabilidades neste contexto.

Assim, ao pensarmos sobre Amarração, a presença de vapores e, posteriormente, da ferrovia na pequena vila no litoral piauiense, provocou o surgimento de novos tipos de festividades, além de ter modificado as sociabilidades ali produzidas, bem como o próprio cotidiano em função da modernização que se configurava neste local, foco de nossa narrativa neste artigo.

### **“Um rumor alegre se apoderou de todos os presentes”: a vila de Amarração entre festejos e sociabilidades**

Uma das primeiras transformações que temos registros em Amarração decorrente do processo de modernização que esse espaço começa a vivenciar a partir da segunda metade do século XIX e que reverbera no surgimento de novas sociabilidades, pode-se apontar como sendo o surgimento dos serviços de praticagem para o porto de Amarração, com o primeiro prático sendo nomeado ainda em 1854<sup>9</sup> (REGO, 2010).

Nas décadas que seguem a nomeação do primeiro prático para o “porto”<sup>10</sup> de Amarração sua presença no cotidiano da vila passa a ser uma constante, principalmente considerando o movimento marítimo-fluvial do citado porto (BAPTISTA, 2023). Nas edições pesquisadas por Baptista (2023) do periódico a “Semana” de 1910 a 1911, em todo número

---

<sup>9</sup> Até 1857 permaneceu uma incerteza em torno de quem tinha jurisdição com relação a nomeação dos funcionários da barra de Amarração, isto é, se cabia a capitania dos portos em Parnaíba (PI) ou ao capitão do porto em Fortaleza, haja visto que nesta época o povoado de Amarração pertencia ao Ceará. Apenas em 1857 a celeuma é resolvida a partir de um decreto da Marinha que determinava que a jurisdição em torno da barra pertencia a capitania dos portos em Parnaíba (PI) (BAPTISTA; NASCIMENTO, 2022).

<sup>10</sup> Para este artigo utilizaremos o termo “porto”, considerando que não existia um porto propriamente dito em Amarração, mas sim um pequeno atracadouro que servia como zona portuária e recebia embarcações oriundas de outras províncias/estados, bem como países nesta segunda metade do século XIX e décadas iniciais do século XX (BAPTISTA, 2023).

havia um quadro com os dias e horários da maré alta e maré baixa, informações utilizadas para facilitar a navegação e atracagem de embarcações na Barra da Amarração, o que atesta para uma regularidade do serviço prestado pelo prático, bem como para sua presença constante no cotidiano da Barra.

A importância que a figura do prático passa a ter em Amarração, antes apenas vila de pescadores, é também notável ao considerarmos o poema sobre Amarração publicado na edição de 04 de setembro de 1910 na “Semana”. O poema com o nome de “Amarração” traz uma breve descrição bucólica sobre esta Vila.

Na foz do Igarassú, á beira mar,  
No meio de alvas dunas encravada,  
Demora a triste villa socegada  
Como a terra do lucto e do pesar!  
Vindo-se pelo rio ou pelo mar  
Logo a Igreja destaca-se izolada,  
De antiga construcção desalinhada  
Sem padre, luz, fieis, nem mesmo altar.  
Distante o coqueiral mostra a folhagem  
Em cuja sombra o pescador descança.  
Gosando calmamente a branda aragem.  
A noite se reúne a visinhança  
E o velho Lino, lá da praticagem  
Ensaia os rapazes da *chegança* (SAN-SOCI, Semana, 1910, p. 2).<sup>11</sup>

É interessante como o poema traz ao leitor diversos elementos que poderiam ser utilizados para caracterizar a Vila de Amarração no começo do século XX. No poema é claro a presença e importância do rio Igarauçu, bem como do mar e das dunas que cercam a Vila. A menção a Igreja, conseqüentemente aos padres que também ocuparam o território no início do século XIX e ao pescador, figura emblemática considerando que a vila nasceu a partir da atividade pesqueira. Por fim, temos a figura do prático, incorporado ao cotidiano da vila e responsável também por ensinar os homens uma tradição de dança.

Na medida em que temos a figura do prático presente neste poema sobre a vila podemos inferir o quanto as mudanças trazidas pelo processo de modernização deste espaço passam a influenciar o cotidiano dessa vila, visto que o prático, simbolizando aqui o moderno, passa a figurar lado a lado com o pescador, que pode ser percebido enquanto símbolo do “tradicional” em Amarração.

Da mesma forma que a modernização trouxe mudanças no cotidiano de Amarração ao inserir a figura do prático e do serviço de praticagem, a subvenção do governo federal para a

---

<sup>11</sup> O poema em questão foi publicado de forma anônima, não sendo assim possível identificação da autoria.

inserção do porto de Amarração nas linhas das companhias de navegação (BAPTISTA, 2023) promove transformações nas sociabilidades, notadamente criando novos espaços de comemorações e festas, considerando o fato que os vapores se tornam elementos comuns no dia a dia do litoral piauiense.

Assim, reforça-se que as embarcações, ao aportarem em Amarração, muitas vezes, traziam consigo pessoas consideradas importantes pela sociedade da época, geralmente políticos, que eram recebidos com festa no “porto” de Amarração, inaugurando novas formas de sociabilidades em virtude de elementos que marcam a experiência da modernidade, ou seja, os vapores.

Na edição de 02 de julho de 1911 da “Semana” acerca de chegada do Coronel Jonas de Moraes Correia e seu irmão Dr. Luiz de Moraes Correia, figuras importantes na política amarroçonense, em Amarração temos a seguinte narrativa:

Entrando somente hoje em Amarração o vapor Marahú que conduz o nosso querido e prestigioso chefe Coronel Jonas de Moraes Correia, e seu irmão, nosso dedicado amigo Dr. Luiz de Moraes Correia, a Comissão encarregada de promover os festejos em homenagem ao digno e eminente e conterrâneo, associada a imprensa parnahybana agradecem ao crescido numero de amigos que hontem em vapores e lanchas especiaes foram ao seu encontro àquella villa e convidam aos amigos em particular e ao povo em geral para hoje a tarde assistirem ao seu desembarque no porto Salgado desta cidade. [...] Nesse dia grande foi ainda o numero de amigos que em lanchas especiaes foram receber em Amarração o Coronel Jonas e seu digno irmão [...] (CORONEL Jonas Correia e Dr. Luiz Correia, Semana, 1911, p. 1).

A chegada, então, em Amarração, de vapores com figuras conhecidas e respeitadas pela sociedade, torna-se motivo para festas e comemorações. Torna-se um local de encontro e sociabilidades<sup>12</sup>, na medida em que várias pessoas iam a Barra em vapores ou lanchas particulares simplesmente pelo motivo de recepcionar quem estivesse chegando ao porto de Amarração.

Infelizmente nos jornais consultados não há registros semelhantes em outros casos que não tratem da chegada de figuras relevantes no seio da sociedade, mas não nos impede de

---

<sup>12</sup> Compreendemos sociabilidades enquanto as relações que os indivíduos e grupos sociais produzem sem, no entanto, fomentar a criação de um sentimento de pertencimento entre um e outro. A ideia aqui é o estabelecimento de uma associação entre sujeitos e comunidades distintas no sentido de realizar atividades que não carregam nenhum sentimento em comum ou que não leva a produção de uma identidade em comum para os membros destes grupos. Assim, “[...] os indivíduos estabelecem relações, uma boa parte das quais não têm qualquer relação direta com os fins do grupo. Nesse sentido, pode-se falar de uma sociabilidade intragrupos [...]” (BAECHLER, 1995, p. 77) entre funcionários de uma mesma fábrica ou de companheiros de cônjuges distintos ou, como no caso ocorrido em Amarração, entre os amigos dos irmãos Correia. Para outras perspectivas do conceito de sociabilidade na narrativa histórica ver Doré e Ribeiro (2019).

inferir que, talvez, a chegada dos vapores, dependendo do lugar de onde estivessem vindo, tenha representado a criação de um novo espaço de sociabilidades, visto que estas embarcações eram encarregadas nesse começo do século XX pelo correio e também porque estar perto de um porto significava estar conectado com o mundo (HOBSBAWM, 1981) e essa conexão só era possível mediante as embarcações que por ali passavam.

Ainda sobre a chegada do Coronel Jonas de Moraes Correia a Amarração e a festa que se sucedeu relata a edição da “Semana” de 16 de julho de 1911 a repercussão desta em outros estados transcrevendo uma nota publicada no jornal maranhense “O Dia” que trazia o seguinte:

Aportou em Parnayhba em 26 do passado o eminente político piauiense Coronel Jonas de Moraes Correia, sendo recebido festivamente pela sociedade Parnahybana que, em peso, encorreu ao seu desembarque. Há muito, força é confessal-o que não vemos uma festa tão brilhante. Todas as classes ali estavam representadas, destacando se em cada frente o prazer imenso que lhe ia n’alma. Por um telegramma transmittido pelo Coronel Jonas, supunha-se que a sua chegada tivesse lugar no dia 25 e, para logo, a comissão encarregada da festa de recepção fez distribuir convites geraes e poz a disposição do publico o vapor Piauhy e diversas lanchas que, fartamente embandeiradas, zarparam neste dia as 2 horas da tarde com destino ao porto de Amarração (CORONEL Jonas Correia, Semana, 1911, p. 1).

A experiência da modernidade traz assim uma distinção social e novas maneiras de se pensar o espaço e de produzi-lo<sup>13</sup>, isto é a produção deste espaço é decorrente da dinâmica da própria sociedade que define quais agentes sociais<sup>14</sup> dele podem usufruir. Ressalta-se essa questão em virtude da suposta presença de “todas” as classes sociais da sociedade parnaibana da época na recepção do Coronel Jonas Moraes Correia.

De todas as fontes consultadas e que trazem registros sobre sociabilidades desenvolvidos no espaço que corresponde a Vila da Amarração, esta é a única que indica a presença do público em geral e que se refere a disponibilização de embarcações específicas para o transporte destas pessoas que viabilize sua participação na festa.

Outro episódio marcante dessas novas sociabilidades advindas com os vapores remete-se a chegada em Amarração do Dr. Miguel de Paiva Rosa, um dos dirigentes do Partido Republicano Conservador, mesmo partido que tinha representação significativa em

---

<sup>13</sup> Entende-se aqui a produção de espaço na perspectiva de Cavalcanti (2001) na ideia de que a produção do espaço é fruto de uma produção social e que este segue a lógica da dinâmica social desta sociedade.

<sup>14</sup> Entende-se como agentes sociais enquanto aqueles responsáveis por modelar o espaço na perspectiva de Corrêa (1999).

Amarração, com correligionários como Dr. Luiz de Moraes Correia, que realiza uma recepção festiva no porto de Amarração em comemoração a passagem de Miguel de Paiva Rosa pelo porto e pela Vila. Segue o trecho presente na edição de 01 de outubro de 1911 da “Semana”:

Ao chegarem em Amarração saltaram todos, enquanto entrava o Commandatuba que já se avistava ao longe. As 5 e ½ fomos avisados pela Atalaya da aproximação do vapor, fazendo-se ouvir logo uma descarga de 21 tiros e diversas girândolas esturgiram no ar, demonstrações de contentamento e apreço que o Partido Conservador Amarraçonnense tributou ao notável homem político pela sua passagem por aquella Villa. Um rumor alegre se apoderou de todos os presentes e numa agitação de jubilo, embarcamos para receber o eminente piauihyense, que foi transportado de bordo do Commandatuba para o 15 de Novembro. Neste momento de bordo do Parnaibano que se achava perto se ouviam harmoniosas peças do vasto repertorio da banda musical (MANIFESTAÇÕES ao Dr. Miguel Rosa, Semana, 1911, p. 1).

A transformação da chegada de embarcações no porto enquanto um espaço de sociabilidades ganhava no período tamanha importância ao ponto de terem consigo uma banda musical para acompanhar as festividades e recepção de certas figuras políticas que por ali passavam, como no caso de Miguel de Paiva Rosa e, posteriormente, oferecimento de banquete em sua homenagem na casa do coronel Jonas Correia por parte de seus correligionários do Partido Republicano Conservador.

O “lauto banquete” oferecido em comemoração a passagem do político, neste contexto já eleito a governador do estado do Piauí, por Amarração e Parnaíba não ocorria à toa, haja visto que o “[...] banquete é uma peça necessária a todo regozijo popular” (BAKHTIN, 1987, p. 243)<sup>15</sup> e, portanto, não foi diferente ao considerarmos a conjuntura no litoral piauiense neste início do século XX.

Além disso, destaca-se que não era apenas com a vinda dos vapores e, por conseguinte, das pessoas consideradas “importantes” que ocorriam festas, consequentemente novas sociabilidades, mas também com a chegada da locomotiva em Amarração a partir dos

---

<sup>15</sup> É imperioso destacar que ainda que Bakhtin (1987) perceba a festa popular enquanto possuidora de uma “essência” e que, portanto, ao pensarmos uma celebração burguesa, como no caso do banquete oferecido a Miguel Rosa em Parnaíba, esta mantém elementos considerados característicos daquilo que o autor entende enquanto festejos populares, não entendemos da mesma forma. A partir de Certeau (1995) e Bhaba (1998) compreendemos a cultura enquanto algo fluído, portanto, algo que se modifica e que é construída à medida que é traduzida pelos diferentes sujeitos que se apropriam desta. Não apenas isto, mas entendemos também a necessidade de se questionar discursos que buscam unificar ou legitimar um suposto “autenticamente popular” (CERTEAU, 1995, p. 66) e que existem perspectivas distintas para compreensão sobre o que seria este “popular” e como a cultura circula entre este último e um dito “erudito”. Assim, o que se tem em muitos casos é uma representação desta “cultura popular” por parte de indivíduos que compõem uma elite “letrada” e que, por vezes, anulam o próprio objeto de sua reflexão ao não perceber o simbolismo e a supressão presente no ato de escrever de certo lugar social acerca deste “popular” (CERTEAU, 1995).



anos 1920. No que se refere a este aspecto, nas lembranças<sup>16</sup> de Carlos Araken Correia Rodrigues sobre sua ida de Parnaíba a Amarração para as férias de junho nos anos 1940 tem-se o seguinte:

Lembro bem que, era uma aventura gostosa a viagem de trem Parnaíba/Amarração. A “Maria Fumaça” brilhando e fumegante soltando fagulhas pela chaminé, os vagões que formavam o comboio; primeiro o carro de carga e logo os de 1ª e 2ª classe. Às 17hs o trem apitava anunciando a partida. [...] A chegada era uma festa. Todos falavam ao mesmo tempo, davam ordens e faziam perguntas [...] (RODRIGUES, 1988, p. 22).

Assim, as festas que surgem em Amarração em decorrência da experiência da modernidade não foram restritas ao fluxo dos vapores, mas também pela presença da ferrovia. Sua chegada em Amarração era sinônimo de festa, de interações entre os recém-chegados e os habitantes, criando-se assim um novo espaço de sociabilidades para as pessoas que ali viviam e transitavam.

Além disso, deve-se apontar também que no conjunto de periódicos consultados observa-se o usufruto do espaço da Vila da Amarração para lazer, recreação e também por motivos medicinais através dos banhos de mar por pessoas que compõem os estratos sociais considerados de maior relevância dentro da sociedade, principalmente políticos e magistrados, não havendo registro sobre outros grupos sociais, diferentemente do caso da chegada do Coronel Jonas de Moraes Correia a Amarração.

A utilização da praia no litoral piauiense enquanto um espaço para sociabilidades e para os banhos de mar por motivos de lazer ou medicinais (BAPTISTA, 2023) não é algo recente, mas algo que ocorre e está registrado nos jornais e no cotidiano piauiense desde o final do período oitocentista.

---

<sup>16</sup> Através da perspectiva de Halbwachs (2006) entendemos a memória enquanto a reconstrução de um passado a partir das experiências que o sujeito teve no decorrer da vida e, assim, ao lembrar-se, este passado irrompe no tempo presente ressignificado. Essa reconstrução só se torna possível considerando a relação estabelecida entre a memória individual e coletiva, haja visto que para o autor, esta última tem papel fundamental naquilo que é esquecido ou lembrado pela memória individual. Assim “[...] a lembrança é em larga medida uma reconstrução do passado com a ajuda de dados emprestados do presente, e além disso, preparada por outras reconstruções feitas em épocas anteriores e de onde a imagem de outrora manifestou-se já bem alterada. [...] Um quadro não pode produzir totalmente sozinho uma lembrança precisa e pitoresca. Porém aqui, o quadro está repleto de reflexões pessoais, de lembranças familiares, e a lembrança é uma imagem engajada em outras imagens, uma imagem genérica reportada ao passado” (HALBWACHS, 2006, p.71 e 73). Deste modo, para Halbwachs (2006) a memória individual mantém um vínculo muito próximo à memória coletiva, especificamente dos grupos sociais os quais o sujeito possui um sentimento de pertencimento e, ao reconstruir esta memória, “[...] essa reconstrução se opera segundo linhas já demarcadas e delineadas por nossas outras lembranças ou pelas lembranças dos outros.” (HALBWACHS, 2006, p.77). Cabe destacar ainda que o autor não produz uma distinção no que se refere ao conceito de Lembrança e Memória, portanto, a partir de Ricouer (2007), compreendemos as lembranças enquanto algo plural, compondo a Memória do indivíduo, esta última devendo ser percebida no singular. Assim, a rememoração seria a operação que, a partir do acesso de lembranças no tempo presente, busca preencher os hiatos existentes na Memória a partir da Lembrança.

Na edição de “A Época” de 10 de novembro de 1883 na resposta de um juiz a ofício enviado ao Ministro da Justiça pelo Presidente da Província Dr. Miguel Joaquim de Almeida e Castro, que havia pedido a remoção desse juiz em virtude de um suposto habeas corpus concedido ilegalmente, temos um registro interessante sobre recreação em Amarração.

Em ofício de 17 de Março ultimo (de caracter reservado) dirigido ao ministro da justiça pelo então presidente desta província, sr. dr. Miguel J. de A e Castro, e publicado pelo sr. Deputado J. Basson no Diario Official de 15 de Julho, se lêem as seguintes arguições contra mim: Que procedi illegal e arbitrariamente dando habeas corpus á um individuo preso por effeito da sentença condemnatoria; que lavra anarchia nesta villa, devido ao apoio e protecção que presto aos desordeiros e criminosos; que sou chefe do partido conservador; que me acho em luta com os adversários políticos, cujos chefes e principaes influencias hei processado por vereadores da câmara municipal, que são creaturas minhas, por quem me faço substituir em ocasiões especiaes e por denuncias assignadas por Fabio Pinheiro e outros, sobre quem exerço influencia, etc. Lembra mais ao ministro que já em officio anterior (que o sr. Deputado Basson não julgou digno de figurar no seu libello famoso contra mim), tinha me feito idênticas accusações, e conclue sua verrina ou denuncia pedindo minha remoção, e nomeação de outro juiz, que fosse prudente, circunspecto e intelligente. E muito provável que no final do officio (pois este continua) indicasse para substituir-me esse seu parente, aquem nomeou ao mesmo tempo promotor da capital e seu official de gabinete (lugar alias suprimido há mais de 10 annos), e a quem mandava adoecer para obter licença com ordenado do 1º cargo afim de acompanhá-lo nos seus frequentes passeios de recreação á Amarração, á 90 léguas da capital [...] (SECÇÃO Particular, A Época, 1883, p. 2).

Embora não nos interesse o conflito ocorrido entre esse juiz, o presidente da província e o deputado Basson, a resposta do juiz nos possibilita pensar sobre quando Amarração, especificamente a praia, passou a ser visto enquanto um espaço de lazer e sociabilidade, no caso aqui de recreação.

Na narrativa do juiz em tom de resposta e de denúncia observa-se que a suposta ida de seu acusador a Amarração visando recrear-se eram frequentes, chegando ao ponto de ordenar que seu subordinado simulasse uma doença com o simples intuito de acompanhá-lo em sua viagem de recreação a Amarração.

Ainda que não seja dito no documento o que exatamente eram esses passeios de recreação, considerando que no final do período oitocentista Amarração tratava-se de uma pequena vila, podemos inferir que essa recreação nada mais era do que os banhos de mar, que nos anos seguintes começaram a figurar no cotidiano das famílias abastadas do Piauí, principalmente de Parnaíba.

Já sobre a ida a Amarração para utilizar o espaço da praia para os banhos de mar retomamos a nota publicada na edição de 17 de agosto de 1901 do “Nortista” que apresenta o seguinte texto:

Enviamos o nosso cartão de visita ao desembargador José Lourenço de Moraes e Silva<sup>17</sup>, honrado procurador geral do Estado, á sua digna esposa d. Antonia Nogueira de Moraes e Silva e á sua interessante filha, d. Ignacia de Moraes e Silva, que vieram de Therezina, no Therezinense.

Amanhã seguirão para a Amarração para entrarem em uso de banhos salgados.

Desejamo lhes boa viagem (NORTISTA, 1901a, p. 3).

Da mesma forma, três meses depois na edição de 02 de novembro de 1901 do “Nortista” temos a seguinte nota também direcionada a José Lourenço Moraes e Silva:

No Therezinense embarcaram para Therezina o nosso distinto amigo desembargador José Lourenço de Moraes e Silva e a sua exma. família que achavam-se em uso de banhos salgados na Amarração.

Restabelecidos dos incommodos que os obrigaram a emprender esta viagem, regressam ao lugar de suas residências.

Auguramo-lhes optima viagem (NORTISTA, 1901b, p. 2).

A partir do começo do século XX os relatos de ida a Amarração buscando suas águas salgadas para os banhos de mar tornam-se mais frequentes. O uso desse espaço assume duas funções nesse momento: a primeira delas e que, aparentemente, foi o caso da família do Desembargador José Lourenço, é a função terapêutica.

Essa função vinculada a saúde não é uma novidade da era moderna, trata-se de uma prática da Antiguidade, principalmente da Roma Antiga, que é ressignificada ao longo do tempo no Ocidente e a partir do século XVIII na Europa com o surgimento dos balneários que passam a se utilizar do poder terapêutico da água salgada, divulgados pelo médico inglês Richard Russell. No Brasil essa prática tem início no Rio de Janeiro com D. João VI criando-se o primeiro balneário no período oitocentista (BRANDÃO, 2009). No decorrer do século XIX a prática se espalha pelo resto do Brasil e começamos a ter relatos de banhos de mar não apenas em Amarração, mas em outras localidades<sup>18</sup>.

No Piauí, nas primeiras décadas do século XX, intensificam-se os registros sobre os banhos de mar e estes vão perdendo seu caráter terapêutico, assumindo uma faceta voltada ao

---

<sup>17</sup> Magistrado e político nascido em Marvão, hoje Castelo do Piauí, e falecido em Teresina (1857 – 1925). (GONÇALVES, 1993).

<sup>18</sup> Em Natal, por exemplo, no começo do século XX os banhos de mar salgados se tornam uma febre, sendo chamados nos jornais locais de febre dos banhos salgados, trazendo novas sociabilidades da burguesia abastada para a apropriação e uso de um espaço que até então era considerado inóspito: a praia (VIEIRA, 2008).

lazer, moldando a praia como um novo espaço de sociabilidades para a sociedade piauiense no período.

Na edição de “A Imprensa” de 15 de setembro de 1925 temos a seguinte notícia sobre Parnaíba escrita para o jornal através de seu correspondente no litoral:

ATALAIA E PEDRA DO SAL – Com o advento da actual estação, que se caracteriza aqui por ventos fortes e constantes, as praias vizinhas de Parnaíba enchem-se de veranistas, que nelas vão espairecer ou refazer nos banhos de mar as energias perdidas durante o anno.

Pedra do Sal e Atalaia perdem a sua habitual monotonia de praias desertas e animam-se com a presença bizarra e alacre dos banhistas, principalmente aos domingos quando affluem os que não podendo se dar ao prazer de uma estadia prolongada, se comprazem com passeios dominicais.

Já por duas vezes estivemos nesta ultima praia e palavra que foi para nós uma revelação esse aspecto da vida piauiense. Tivemos a impressão de que estávamos numa das frequentadas praias do sul tal o numero de pessoas que ali se entregavam ás delicias dos banhos de mar. Senhoras, senhorinhas e cavalheiros, formando um conjunto do que há de mais selecto na elite parnaibana, confraternizavam em plena praia, numa alegria viva e comunicativa, desfazendo assim a lenda que attribue injustamente a esta sociedade certos preconceitos tolos e ridículos.

No ultimo domingo conseguimos notar ali a presença das seguintes pessoas: drs. Mirocles Veras, Antonio Neves e família, Joca Basto, Genesio Camara, senhora e irmã, Edison Cunha e família. José Neves, Raymundo Marques e família, Alarico Cunha e família. José Braga e senhora, Luiz Nelson e família, Antonio Linhares e família. João Issa e senhora, Rodolpho Gouveia e senhora. Taufi Safadi e família, Nemesio e Arnesio Camara, Nagib Lopes e família. Mello Filho, Werner Schlipmann, José Ribeiro e família, Armenio Salgado, G. Grawford, J. B. Smith e muitos outros cujos nomes nos escaparam (NOTÍCIAS de Parnaíba, A Imprensa, 1925, p. 4).

É notável a diferença nesse registro sobre o novo uso do espaço da praia incorporado pelas elites parnaibanas enquanto um espaço de sociabilidades. Já vemos aqui a utilização deste espaço para o lazer e não mais apenas para funções terapêuticas. Além disso, fica expresso pelo registro feito pelo jornal a clara distinção social considerando que a narrativa destaca os membros da elite que estavam frequentando o local no momento.

É importante notar também a data em que este registro foi produzido, ou seja, o ano de 1925, e atentar que a utilização da praia enquanto um espaço de sociabilidades e lazer pelos piauienses torna-se algo corriqueiro a partir da década de 1920, de acordo com a narrativa feita pelo periódico.

Outro aspecto que se deve destacar refere-se à elitização da praia de Atalaia em Amarração em contraposição a Pedra do Sal. A nota de jornal dá o destaque para a presença em Atalaia não apenas de simples banhistas, mas sim de figuras ilustres da elite parnaibana.

Neste sentido Oliveira (2017) também afirma que na primeira metade do século XX a praia de Atalaia em Amarração era frequentada pelas elites parnaibanas que utilizavam este espaço no intuito de apresentar-se para a sociedade enquanto seus membros, utilizando roupas<sup>19</sup> e trajes de banho sofisticados.

Por outro lado, Pedra do Sal se constituía em um espaço oposto a Amarração, mais simples, no qual os trajes utilizados não se destacavam tanto. Sobre Pedra do Sal, Campos (2009), em suas lembranças da infância, comenta sobre a prática da ida a esta praia no período de veraneio, deixando claro as poucas condições financeiras que sua família tinha, ao ponto de ele não possuir roupa de banho específica, o que o obrigava a tomar banho desnudo.

Embora as lembranças de Humberto de Campos sobre sua estadia em Pedra do Sal refiram-se ao final do século XIX, especificamente 1895, e Oliveira (2017) trate de um período posterior aos anos 1920, é provável que esta configuração social já existisse no final do período oitocentista, evidenciada pela chegada da ferrovia, cujo trecho até Amarração facilitou a mobilidade dos frequentadores da praia de Atalaia em detrimento a Pedra do Sal que, além de distante, não existia um acesso fácil.

Ainda sobre a nota de “A Imprensa” acerca das praias de Atalaia e Pedra do Sal, o fato de se tratar do ano de 1925 e a narrativa afirmar a chegada de diversos veranistas e até mesmo as idas a praia aos domingos podemos inferir que isso só se torna possível graças a revolução dos transportes, no caso em questão, a chegada da ferrovia ao Piauí.

Embora a ferrovia já existisse em Parnaíba desde 1916, os trilhos só alcançarão Amarração a partir de 1922 a partir do desejo dos políticos e comerciantes piauienses de que a construção da ferrovia estaria integrada a um projeto de modernização e melhoria da profundidade da Barra para a construção do porto de Amarração (VIEIRA, 2010).

Mesmo o Porto nunca tendo sido concluído, ficando apenas no imaginário das pessoas, é interessante perceber como a quantidade de pessoas que frequentam a praia aumenta significativamente a partir do momento que os trilhos alcançam a vila de Amarração. No registro sobre os banhos de mar em Atalaia e Pedra do Sal, diferentemente de alguns outros

---

<sup>19</sup> No tocante às roupas, é interessante destacar que os chapéus foram acessórios que também se modificaram com a influência da modernização na região litorânea do estado do Piauí como aponta o periódico “Chapada do Corisco” de 25 de maio de 1918, ao trazer uma nota sobre a revolução na elegância masculina no que se refere ao uso dos chapéus, visto que se findou a utilização dos chapéus de massa e de palha, para se adotar os de couro. Vale ressaltar que no processo de fabricação destes novos chapéus, conforme o periódico, eram utilizados a rapadura e o coco da praia. A necessidade produzida pela sociedade deste novo tipo de chapéu, talvez, tenha afetado, mesmo que minimamente, a frequência em Amarração na busca de cocos, considerando que na nota o periódico também relata o “ataque” das quitadeiras aos cocos de praia que existiam na praça (BAPTISTA, 2023).

feitos em décadas passadas, temos a presença de várias famílias em detrimento de uma ou duas.

A navegabilidade do rio Parnaíba e a chegada de vapores em Amarração já torna possível o início dos banhos de mar no litoral piauiense, mas, provavelmente, é apenas com a ferrovia que essa prática se torna mais regular e transforma o espaço antes isolado das praias enquanto um espaço produtor de novas sociabilidades.

Ainda sobre os banhos de mar em Amarração e também sobre a relevância que a estrada de ferro teve para o aumento da ida ao litoral piauiense buscando os banhos de mar na edição da “A Imprensa” de 04 de agosto de 1927 temos a seguinte nota: “- Seguiu, hoje, para Amarração, onde fará uma estação de banhos de mar d. Maroca Furtado, esposa do deputado Arthur Furtado” (NOTÍCIAS de Parnaíba, A Imprensa, 1927, p. 1).

Embora a nota se limite a dizer que a esposa do deputado seguiu de Teresina para Amarração buscando os banhos de mar e não diga o meio de transporte utilizado por ela, podemos supor que se tratou de transporte fluvial até Parnaíba e de locomotiva até Amarração ao considerarmos que todas as fontes apresentadas neste texto que remontam a década de 1920 apresentavam, junto ao nome da pessoa ou da família que estava a caminho de Amarração, o nome da embarcação que os levaria, o que não é o caso aqui<sup>20</sup>.

Assim como em outras partes do mundo, a estrada de ferro no Piauí também possibilitou a redução das distâncias, também reduziu o tamanho de um mundo conhecido (HOBBSAWM, 1981) e consolidou a criação, a partir dessa modernização, de novos espaços de sociabilidade, a exemplo da utilização das praias de Amarração para o lazer.

Resta-nos dizer que a influência da modernização na criação de novas sociabilidades no final do século XIX e começo do século XX em Amarração não principiou o fim de outras consideradas “tradicionais”.

Na edição de 16 de outubro de 1910, no periódico a “Semana”, temos a seguinte nota sobre um casamento que se fez em Amarração: “- Comunicou-nos o seu casamento, efetuado na Villa de Amarração, o delicado Sr. Fernando Francisco de Oliveira” (NOTÍCIAS locais, Semana, 1910, p. 3). Embora o jornal não traga mais detalhes sobre o casamento, trata-se de um festejo considerado “tradicional” e que, geralmente ao ser noticiado na imprensa piauiense no litoral, era acompanhado do oferecimento de banquetes, comumente associados à

---

<sup>20</sup> Considerando que nesta época a estrada de ferro não havia chegado a Teresina, supõe-se que a senhora citada tenha se utilizado de outro transporte, provavelmente um vapor até Parnaíba, e de lá tomou o trem para Amarração.

realização festas (BAKHTIN, 1987) aos convidados. Já na edição de 16 de dezembro de 1911 da “Semana” temos o relato de uma festa católica considerada “tradicional”.

Com grande imponencia realizou se no dia 8 deste mes, na vizinha villa de Amarração a tradicional festa da Virgem Imaculada, excelsa padroeira daquela freguezia.

O novenario foi bastante concorrido e véspera e dia a concorrência foi extraordinária. Este anno procuraram dar o maior realce possível á festa, e para isto não pouparam sacrificios os srs. Juizes.

Houve missa cantada e procissão no dia da festa, tocando em todos os actos a harmoniosa banda de muzica de nosso illustre amigo Pedro Braga (FESTA em Amarração, Semana, 1911, p. 2).

Mesmo com o surgimento de novas sociabilidades por conta da experiência da modernidade, como as festas em recepção aos vapores, o aparecimento de novos modos de comportamento e de se vestir (BAPTISTA; 2023) ainda assim mantinham-se as “tradicionalistas” festas religiosas, a exemplo do registro da festa da Virgem Imaculada na Vila de Amarração.

Dessa forma, o tradicional convive com o moderno, e mesmo com os elementos que marcam esta modernidade inserindo-se no cotidiano da Vila de Amarração, não há uma cessão das festas “tradicionalistas” em detrimento das novas festas ou mesmo dos novos espaços de sociabilidade.

### **Considerações Finais**

Desta maneira, ao considerarmos sociabilidades enquanto as relações existentes entre sujeitos e grupos sociais que fomentam a possibilidade de coesão em torno de uma ocupação em comum, mas que não necessariamente implica na produção de uma identidade coletiva ou mesmo de outro grupo social (BAECHLER, 1995), tratar sobre estas ou festividades, muito além de se tratar de uma aproximação da História com a Antropologia (PESAVENTO, 2012), refere-se a discorrer sobre um aspecto que compõe a experiência humana e, assim, objeto de reflexão do campo histórico.

Assim, ao longo desta narrativa observamos de que modo a modernização da vila de Amarração no litoral do Piauí entre fins do século XIX e início do século XX produziu não apenas novas sociabilidades, mas também permitiu o surgimento de tipos diferentes de festividades.

As comemorações em função da chegada de políticos, dentre outros indivíduos através do “porto” da vila ou mesmo os festejos quando da chegada do trem em Amarração, conforme

as lembranças de Rodrigues (1988), denotam as modificações que a modernidade assinalou na região ao considerarmos estas celebrações.

Não obstante isto, concordamos com Canclini (2008), ainda que estejamos tratando de recortes temporais distintos, de que a “[...] modernização diminui o papel do culto e do popular tradicionais, no conjunto do mercado simbólico, mas não os suprime” (CANCLINI, 2008, p. 22), sendo possível, no caso de Amarração, perceber a permanência de festividades consideradas “tradicionais” juntamente às novas sociabilidades e festejos possibilitados pela modernidade<sup>21</sup>.

Deste modo, espaços para promoção do lazer, motivos para celebrações, festejos e construção de sociabilidades fazem parte da vida humana e, neste sentido, fontes como a imprensa ou as memórias possibilitam ao historiador a construção de narrativas que nos ajudam a compreender estes elementos presentes na sociedade, como no caso de Amarração.

Por fim, a narrativa aqui produzida e as questões discutidas sobre o litoral piauiense acerca de festividades e sociabilidades no final dos oitocentos e início dos novecentos não se esgotam, tendo em vista que, outras possibilidades permanecem em aberto, a exemplo de futuros estudos sobre os banquetes no litoral do Piauí e suas relações com os modos de se festejar localmente (BAKHTIN, 1987)<sup>22</sup>. Portanto, conforme nos lembra Rezende (1997, p. 13), “[...] a tarefa do historiador é imensa, necessariamente incompleta, pois os enigmas sempre exigirão novas leituras, dependendo do tempo e do espaço em que são / foram / serão produzidos”.

## Referências

BAEHLER, Jean Grupos e Sociabilidade. In: BOUDON, Raymond (dir.). **Tratado de Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. p. 65-106.

---

<sup>21</sup> Para se pensar uma hibridização cultural, tal qual sugerido por Canclini (2008) para alguns países da América Latina, dentre eles o Brasil, e no contexto específico de Amarração, talvez fosse possível considerar os modos de alimentação e como o consumo do peixe e do caranguejo na região, víveres presentes na alimentação dos povos nativos locais foi incorporado e ressignificado a partir do momento da conquista do espaço pelos europeus invasores. Embora Baptista, Costa Filho e Nascimento (2020) discorram sobre esta cultura da alimentação enquanto produtoras de identidades considerando o consumo e modos de preparo do caju, peixe e caranguejo, também é possível refletir sobre o consumo destes alimentos e as distintas formas de prepará-los, variando de acordo com o lugar social do indivíduo, enquanto um reflexo desta cultura híbrida no litoral piauiense.

<sup>22</sup> Ainda que Baptista, Costa Filho e Nascimento (2020) tenham tratado sobre estes banquetes e certa cultura da alimentação no litoral piauiense na primeira metade do século XX, os autores limitaram-se a pensar estes víveres alimentícios enquanto meios de produção de sentimentos de pertencimento tanto num nível cultural/simbólico como social, esquivando-se de uma discussão sobre o “[...] banquete que se desenrola na festa popular” (BAKHTIN, 1987, p. 243) e, assim, de que modo os banquetes oferecidos em situações de celebração nas décadas iniciais do século XX em Parnaíba, cidade vizinha a vila de Amarração, relacionavam-se com o festejar naquele contexto.



BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rebelais**. São Paulo: HUCITEC/Brasília: UNB, 1987.

BAPTISTA, Marcus Pierre de Carvalho. **Entre o porto e a estação: histórias da vila de Amarração no litoral do Piauí (1880 – 1930)**. Teresina: Cancioneiro, 2023.

BAPTISTA, Marcus Pierre de Carvalho; COSTA FILHO, Alcebíades; NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. Questões de identidade e distinção social através do consumo de caranguejo, peixe e caju no litoral piauiense na primeira metade do século XX. **Revista História e Cultura**, São Paulo, v.9, n. 2, p. 244-272, 2020.

BAPTISTA, Marcus Pierre de Carvalho; NASCIMENTO, Francisco de Assis de Sousa. “Desordens, barulhos e pancadas”: conflitos em Amarração na divisa norte Piauí/Ceará na segunda metade do século XIX. In: CASTELO BRANCO, Edwar; BAPTISTA, Marcus Pierre de Carvalho; BORGES, Cássio de Sousa. **História, sentido e acontecimento: narrativas**. Teresina: Cancioneiro, 2022. p. 67 – 88.

BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BHABHA, Homi K. **O Local da Cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BRANDÃO, Helena Câmara Lacé; MARTINS, Angela Maria Moreira. O Rio de Janeiro do Século XX: a expansão da cidade do centro para o sul. **Revista Tempo de conquista**, v. 4, p. 1-10, 2009.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2008.

CAVALCANTI, Lana de Souza. Uma Geografia da Cidade – Elementos da produção do espaço urbano. In: \_\_\_\_\_. (org.). **Geografia da cidade: A produção do espaço urbano em Goiânia** Goiânia: Alternativa, 2001. p. 11-32.

CERTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. Campinas: Papirus, 1995.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.

DORÉ, Andréa; RIBEIRO, Luiz Carlos (org.). **O que é sociabilidade?** São Paulo: Intermeios, 2019.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. **Dicionário Histórico-biográfico Piauiense: 1718-1993**. 2. ed. Teresina: Júnior Ltda, 1993.

GONÇALVES, Wilson Carvalho. **Grande Dicionário histórico-biográfico piauiense 1549-1997**. Teresina: [s.n.], 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBBSAWM, Eric John Ernest. **A Era das Revoluções: Europa 1789-1848**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

OLIVEIRA, Pedro Vagner Silva. **Mar à venda: pescadores e turismo no "Piauí Novo"** (anos 1970). 2017. 205 f. Dissertação (Mestrado em História) – Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, 2017.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

PONTES, Lana Mary Veloso de. **Formação do Território e Evolução Político-Administrativa do Ceará: A Questão dos Limites Municipais**. Fortaleza: IPECE, 2010.

QUEIROZ, Teresinha de Jesus Mesquita. **Economia piauiense: da pecuária ao extrativismo**. Teresina: EDUFPI, 1998.

REGO, Junia Mota Antonaccio Napoleão do. **Dos sertões aos mares: história do comércio e dos comerciantes de Parnaíba (1700-1950)**. 2010. 305 f. Tese. Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2010.

REZENDE, Antônio Paulo. **Desencantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de XX**. Recife: FUNDARPE, 1997.

RICOUER, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas: Unicamp, 2007.

VIEIRA, Enoque Gonçalves. **A Construção da Natureza Saudável: Natal 1900 – 1930**. Natal, 2008. 173 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2008.

VIEIRA, Lêda Rodrigues. **Caminhos de ferro: a ferrovia e a cidade de Parnaíba, 1916-1960**. Teresina, 2010. 247 f. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) – Programa de Pós-Graduação em História do Brasil, Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010.

## Fontes

### Hemerográficas

SAN-SONCI. Amarração. **Semana**, Parnaíba, ano 1, n. 13, p. 2, 4 set.1910

CORONEL Jonas Correia e Dr. Luiz Correia. **Semana**, Parnaíba, ano 2, n.56, p. 1, 2 jul. 1911.

CORONEL Jonas Correia. **Semana**, Parnaíba, ano 2, n.58, p. 1, 16 jul. 1911.

MANIFESTAÇÕES ao Dr. Miguel Rosa. **Semana**, Parnaíba, ano 2, n.69, p. 1, 1 out. 1911.

SECCÃO Particular. **A Época**, Teresina, ano 6, n.279, p. 2, 10 nov. 1883.

**NORTISTA**, Parnaíba, ano 1, n.33, p. 3, 17 ago. 1901a.

**NORTISTA**, Parnaíba, ano 1, n.44, p. 2, 2 nov. 1901b.

NOTÍCIAS de Parnaíba. **A Imprensa**, Teresina, ano 1, n.44, p. 4, 15 set. 1925.

NOTÍCIAS de Parnaíba. **A Imprensa**, Teresina, ano 2, n.277, p. 1, 4 ago. 1927.

NOTÍCIAS locais. **Semana**, Parnaíba, ano 1, n.19, p. 3, 16 out. 1910.

FESTA em Amarração. **Semana**, Parnaíba, ano 2, n.79, p. 2, 16 dez. 1911.

### **Livros de Memória**

CAMPOS, Humberto de. **Memórias e Memórias inacabadas**. São Luís: Instituto Geia, 2009.

RODRIGUES, Carlos Araken Correia. **Estórias de uma Cidade muito amada**. Parnaíba: [s.n.], 1988.

Recebido em: 27 de abril de 2023

Aprovado em: 08 de setembro de 2023